

DOCUMENTAÇÃO MUSEOLÓGICA E COMUNICAÇÃO

Rosana Andrade do Nascimento

Palestra proferida no VI Forum de Museus do Nordeste, 1993

Maceió- Al.

1. INTRODUÇÃO

Ao iniciar, gostaria de agradecer o convite para proferir esta palestra que tem como tema "Documentação Museológica e Comunicação", neste VI Forum de Museus do Nordeste.

O texto será apresentado discutindo dois pontos básicos. Neste sentido, inicia definindo o conceito de documentação no seu sentido amplo, para em seguida desenvolver uma análise sobre a documentação museológica como resgate de informações sobre o objeto, o que, em grande escala, é produzido em nossos museus.

Num segundo momento, discuto a documentação museológica para a comunicação estabelecendo uma análise sobre o fazer museológico objetivando a comunicação e a educação. Isto porque, não entendo a ação documental como algo isolado da totalidade do fazer museológico, o que significa que as ações desenvolvidas no Museu devem objetivar a educação e a comunicação dos acervos preservados.

Buscando amarrar os dois pontos referidos acima, dedico o momento final para colocar algumas reflexões de como a documentação pode ultrapassar o simples ato de coletar informações que nada comunicam.

Acredito que no processo do debate, vocês terão muito mais a colocar, o que com certeza enriquecerá o tema ora apresentado, porque estou aqui com a função de introduzir o tema, para refletimos de forma conjunta durante o tempo determinado para esta atividade.

2. - Documentação museológica como instrumento de informação

"Para quem e para que tem servido o processo de documentação dos nossos Museus, ?" (Maria Célia Santos, 1991, p. 11)

Importante registrar que na sua origem o Museu, a Biblioteca e o Arquivo surgem como instituições geminadas, sendo muitas vezes definidos com conceitos similares, mas, entretanto, guardavam suas especificidades enquanto objetivos e funções, isto porque, na primeira os objetos, na segunda os livros e no último os documentos oficiais, tendo como ponto comum o resgate da história do homem.

Sendo assim, a documentação museológica, entendida como o resgate de informações sobre o objeto, tem como suporte algumas técnicas e procedimentos retirados da documentação da Biblioteconomia, que foram adequadas aos objetivos relacionado com a questão do estudo do objeto, sua segurança e controle, como também, o uso do resgate desta informação para um discurso museológico - a exposição -.

Corroborando com a nossa posição, Prado (1985)¹ afirma que:

... por muito tempo reinou uma completa confusão sobre o verdadeiro sentido de biblioteca, museu e arquivo. Indiscutivelmente, por anos e anos, estas instituições tiveram mais ou menos o mesmo objetivo. Eram elas depósitos de tudo que produzira a mente humana, isto é, do resultado do trabalho intelectual e espiritual do homem.

De forma geral a documentação é conceituada como um conjunto de técnicas necessárias para a organização, informação e a apresentação dos conhecimentos registrados, de tal modo que tornem os documentos acessíveis e úteis. E o documento por sua vez, é definido como uma peça escrita ou impressa que oferece prova ou informação sobre qualquer assunto.

Para Castro (1982)² o documento como suporte de informação é estabelecido através de dois conceitos.

Documento em sentido amplo, é todo e qualquer suporte da informação. Assim, além do documento convencional, podemos admitir que um bem cultural como monumento, um sítio paisagístico possa ser, também documento, documento em sentido mais restrito é o livro, folheto, revista, etc..., portanto, todo o material escrito cartográfico, fotocinematográfico, sonoro. Percebe-se através dos conceitos definidos que o bem cultural pode ser identificado como documento, porém não é classificado num conceito restrito e tradicional da documentação visto até o momento. O objeto museal é um documento, isto ninguém tem dúvida, mas como a documentação museológica o trata? E, o que é a documentação museológica?

Iniciando a questão, é necessário o entendimento do que seja a documentação museológica, objetivamente é definida como sendo toda informação referente ao acervo de um museu. Ferrez (1991)³ coloca que a "documentação de acervos museológicos é o conjunto de informações sobre cada um dos seus itens e, por conseguinte, a preservação e a representação destes por meio da palavra e da imagem (fotografia). Ao mesmo tempo, é um sistema de recuperação de informações capaz de transformar as coleções dos museus de fontes de informações em fontes de pesquisa científica ou em instrumentos de transmissão de conhecimento".

Para Camargo (1986)⁴ "é preciso estabelecer um sistema de documentação apropriado para o acervo do museu alvo ou conjunto de museus, baseando-se em estruturas técnicas gerais e especializadas, bem como estabelecendo uma série de convenções. Estas convenções são essenciais em todo o desempenho do trabalho, pois permitem uma padronização básica essencial."

Neste sentido, para o resgate de informações sobre o objeto, a documentação museológica é composta de itens, que vão nortear o seu sistema básico, tais como, aquisição, numeração, fichas, coleta de dados, etc.... Sendo que este último item é entendido como o registro

de toda informação que o objeto possui, isto é, que esteja explicitado materialmente no suporte de informação. Sendo assim, o que é definido como pesquisa é a coleta de dados do passado, através do objeto em si, no que se refere aos seus aspectos intrínsecos, objetivando o preenchimento dos ítems que compõem os instrumentos da ação documental nesta instituição. Onde o objeto é entendido de forma estanque, negando-o enquanto processo de conhecimento, prioriza-se a informação do que nele materialmente pode ser respondido, ratifica-se com esta ação - o produto - dissociado do homem e das relações que estão imersos.

Santos (1991)5, ao analisar esta questão afirma que "constata-se o desenrolar de uma cadeia de ações até certo ponto burocratizada, que vão desde as clássicas perguntas ao objeto. Quem é você? Como você se chama? Quem o Fez? De que você é feito? Quando você foi feito? Por que? Quanto você mede? Quanto você pesa?, etc... ao armazenamento de dados que serão, na maioria das vezes confinados e inadequados a uma visão mais ampla e contextualizada da produção cultural em determinado período, tornando assim o processo documental um mero banco de dados que a poucos será dado o acesso e insuficiente para a compreensão da realidade no passado e no presente".

Questiona-se, seria este o conceito de comunicação que deve esta fundamentando a função educativa e social da instituição museu?

Percebe-se, também, a ausência de uma proposta teórica-metodológica que embase o ato de documentar, existindo na maioria das vezes, apenas as técnicas mais adequadas e tradicionais, realizadas através de um processo isolado de especialistas, ocorrendo desvinculada das ações museológicas de forma mais geral, e principalmente, do entendimento da função educativa que pode ser estabelecido na ação documental para a comunicação.

Então, como nesta perspectiva a documentação museológica entende o objeto? O objeto ao entrar para o contexto museológico, é visto, enquanto um produto, passando a ser representativo como um suporte de informação que será extraído dele mesmo, ao mesmo

tempo em que, o ato de classificá-lo, estudá-lo e expo-lo define sua significação cultural, desvinculando-o do seu contexto primário, onde o homem lhe deu significado e função, através da relação com o bem cultural material ou imaterial.

Para Meneses (1991)⁶, nisso tudo há uma confusão cuja raiz esta na tentativa de classificar objetos conforme categorias apriorísticas estanques e univocas de significação documental, fragmentando o conhecimento: objetos artísticos, históricos etc..., como se as significações fossem geradas pelos próprios objetos e não pela sociedade.

Neste sentido, a documentação museológica visando apenas o resgate de informações sobre o objeto - documento -, ratifica ao museificá-lo o seu valor estético, histórico e artístico - a peça de museu -, ocorrendo como consequência a fragmentação do objeto enquanto vetor para a produção de conhecimento.

2. A Documentação Museológica para a Comunicação

"... no processo de aprendizagem, só aprende verdadeiramente aquele que se apropria de aprendido, transformando-o em apreendido, com o que pode, por isso mesmo re-inventá-lo: aquele que é capaz de aplicar o aprendido-apreendido a situações existenciais concretas. Pelo contrário, aquele que é "enchico" por outros de conteúdos cuja inteligência não percebe, de conteúdos que contradizem a própria forma de estar em seu mundo, sem que seja desafiado, não aprende," (Paulo Freire, 1979, p. 13)

O bem cultural seja material ou imaterial está relacionado a experiência humana, através de uma aquisição crítica e reflexiva, não sendo somente um armazenamento na memória de informações resgatadas, não é incorporado ao ser total do homem enquanto fazedor da história, como também, sua relação com a natureza e o seu mundo vivido.

Assim, é importante ressaltar que a documentação para a comunicação deve entender o objeto museal como um meio que através da pesquisa, chega-se ao processo de produção de conhecimento, tendo como vetor a produção cultural do homem, que não é dissociado da rede de relações sociais, políticas e econômicas, na qual foi produzido, tendo um significado de uso, função e movimento no passado e no presente.

Ou seja, a documentação museológica para a comunicação deve buscar através da pesquisa a historicidade da produção cultural do homem, com seus sistemas de valores, símbolos e significados, as teias de relações estabelecidas entre os homens que criam e recriam objetos no decurso da sua realização histórica.

Se, o objeto museal é a produção prática da relação homem-natureza, na medida em que na relação homem-homem vão temporalizando os espaços e fazendo história, este objeto museal não pode ser entendido na sua relação em si, mas na sua relação com os homens e o seu mundo.

Como observou Lenine (1975)⁷, A arte, tal como as ciências reflete a realidade e permite ao homem conhecer a vida. A arte oferece possibilidades infinitas de conhecimento e, neste sentido, não se distingue fundamentalmente das ciências. A diferença reside no método e nos resultados.

A questão é que, a ação documental deve ir além do simples ato de resgate de informações do objeto em si, e sim, buscar através da pesquisa o contexto de produção do bem cultural, com um método capaz de permitir a construção e a comunicação do conhecimento acerca do bem cultural produzido historicamente.

E agora qual a saída para a documentação museológica?

Em primeiro lugar, a documentação primária (registro, identificação, fichas, numeração, etc...) do objeto é necessária para o controle e segurança do acervo porém, não deve ser considerada como um fim, e sim, como um processo para o desenvolvimento de pesquisas que tenham por objetivo a produção de conhecimento sobre a história social e cultural onde o objeto está imerso.

Um segundo ponto é que a documentação museológica vai fundamentar o fazer museológico das outras ações no interior da instituição museu, não deve ser entendida como a principal, ou a mais importante, mais deve ser concebida como um processo educativo e comunicativo que estará engajado à uma concepção de Educação e de Museu, não sendo assim, continuará como um banco de dados de ítems que nada comunicam, a não ser o que menos se necessita para a compreensão do objeto museal.

Tendo como resultado, a exposição de um objeto, que na maioria das vezes, não é entendida pelo técnico que busca documentar e expor o bem cultural, objetivando ensinar através de uma etiqueta informativa, seria esta a função educativa do museu?

Ao nosso ver, buscar a documentação museológica para a comunicação é optar por um método que explicita as teias de relações em que o objeto está imerso, é ir além dos seus aspectos físicos, isto por que, a historicidade enquanto método, não permite a apresentação de objetos esvaziados de conteúdos, apenas compondo vitrines numa lógica hierarquizada e linear.

O passado não estará estático numa vitrine, mas explicitado nas relações que serão definidoras do discurso museológico, através do movimento do passado e do presente, onde a ordem não é temporal, e sim, da gênese da teia de relações.

Assim, pode-se infringir que:

a) a historicidade enquanto método é aplicada a qualquer ação museológica, principalmente na ação documental, vista como um processo para a compreensão do objeto museal, na sua relação com o homem.

b) A ação documental foi tomada enquanto um fazer museológico que deve desenvolver pesquisas, produzir conhecimento, e partir de uma concepção de museu, gestada no seu interior.

c) as redes de relações serão definidores do discurso museológico - exposição - e, os objetos a serem expostos estarão explicitando essas relações.

d) nesta concepção o objeto pode ou não estar exposto, isto porque, estará explicitado nas relações em que está imerso.

e) o objeto, nesta abordagem, passa do conceito de documento para ser entendido como produtor de conhecimento, não visto apenas pelas suas qualidades físicas e materiais - objeto em si.

Assim, entender a dimensão pedagógica do museu somente através de trabalho educativo com escolas, significa que para um público visitante que não esteja engajado nesses programas, o museu consequentemente, não é educativo, devido à forma como esta sendo concebida a sua função educativa - informante de determinados objetos que estão preservados para a posteridade.

Para finalizar, gostaria de registrar que as considerações aqui apresentadas, não tem por objetivo servir como conclusões fechadas e incontestáveis, ao contrário, é um processo de continuidade para que outros profissionais a partir deste trabalho efetivem na sua prática ou refutem a construção desta proposta teórica - metodológica tendo a historicidade como substrato de análise para o entendimento das teias de relações que está imerso o objeto museal.

Por fim, agradeço aos amigos e presentes que aqui está prestigiando esse momento tão singular na minha vida, com certeza, tenho todos no lado esquerdo do peito, com muito AXÉ! Obrigado.

BIBLIOGRAFIA

- CAMARGO - MORO, Fernanda de. Museus: aquisição-documentação. Rio de Janeiro: Livraria Eça, 1986.
- CANELINI, Nestor Garcia. As culturas populares no capitalismo. São Paulo: Brasiliense (c.d.).
- ALENCAR, Vera. Museu-educação: se faz caminho ao andar... Rio de Janeiro: Mestrado em Educação PUC, 1987 (Dissertações).
- NASCIMENTO, Rosana A.D. do. Objeto museal, sua historicidade: implicações na ação documental e uma dimensão pedagógica do Museu, Solnado: Mestrado em Educação UFBA 1993 Salvador (Dissertação).
- FREIRE, Paulo. Extensão ou Comunicação? 8 ed. Rio de Janeiro. F. N. Pró-Memória, 1990.
- RIBEIRO, Berta g. Museu: veículo comunicador e pedagógico. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. Brasília, v. 66, u. 152, p. 77-98, 1985.
- RIVIERE, George Henri. Imagens del ecomuseo. Museum. Paris (Unesco n. 148/185, 1985).
- SANTOS, Maria Célia T. M. A escola e o Museu no Brasil: uma história de confirmação dos interesses da classe dominante (s.l.) 1989 (mim).
- SERPA, Luis Felipe. Ciência e historicidade. Salvador: Edição do Autor (Multigraf, 1992).
- Sistema de Museus do Estado. Manual de Orientação museológica e museográfica, Secretaria de Estado da Cultura.2 ed. São Paulo, 1987.
- SOLA. Tomislav. Educação para a comunicação ICOM/NEWS. v. 40, n. 3/4 p. 1-10, 1985.